
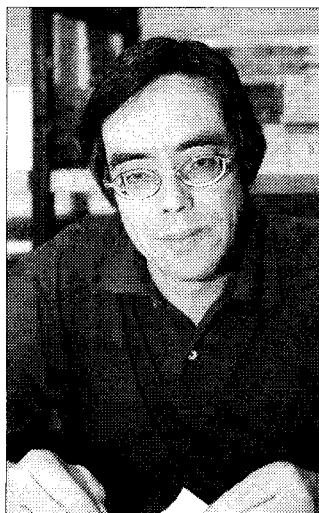


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 131839
Título: Uniformizar vinho do Porto seria um erro catastrófico – Entrevista a Gaspar Martins Pereira					Temática: Generalista	GRP: 11.7
2006/08/31	JORNAL DE NOTÍCIAS – PRINCIPAL	Pág.3	Imagem: 1/1		Periodicidade: Diária	Inv.: 3375.00

“Uniformizar vinho do Porto seria um erro catastrófico”

“Desenvolver o Douro é contribuir para a coesão nacional”, defende Gaspar Martins Pereira. Para o mentor do projecto do Museu do Douro e fundador do grupo de estudos de história da viticultura duriense e do vinho do Porto, a celebração dos 250 anos da primeira região demarcada no mundo “pode e deve servir para transformar os problemas em potencialidades”.



Tem alguma expectativa em relação ao que o primeiro-ministro possa trazer na manga? Como cidadão, espero que venha trazer um conjunto de ideias estratégicas do Governo para a região. Há muitos dossiês em aberto: acessibilidades, turismo, vitivinicultura, cultura, património... A constituição de um instrumento de gestão da área classificada será apenas um exemplo.

E no âmbito comunitário, nomeadamente com a reforma vitivinícola de Bruxelas, que contributos poderão advir daí para a dinamização do Douro? Por um lado, beneficiando do próximo quadro comunitário de apoio. Por outro lado, na nova conjuntura de comércio vitivinícola internacional, não há grandes saídas: o vinho do Porto está globalizado há muito tempo e dependerá sempre das exportações. O sector tem que ajustar-se a esse mercado. Espero que o Governo português saiba defender a importância do Douro em Bruxelas, mas todos sabemos que a capacidade de negociação tem um peso muito relativo.

Recentemente, o Governo solucionou o longo processo do Museu do Douro. É cedo para falar do papel do equipamento na região? Não é cedo. O Museu foi criado em 1997, mas sofreu muitas vicissitudes e só em Março deste ano nasceu a Fundação. A partir de agora já podemos dar passos seguros. O objectivo é representar a região: inventariar, estudar, divulgar o património. Com a celebração dos 250 anos já é isso que estamos a fazer. O Museu está no caminho certo.

Que impacto poderá ter a celebração, a nível nacional e internacional, na resolução dos problemas do Douro? A celebração pode e deve ter um efeito nesse sentido. A ideia é chamar a atenção para os problemas e para as potencialidades ambientais, económicas e outras da região, para a sua espessura histórica. Não queremos limitar-nos a assinalar uma data, mas a destacar o trabalho e a arte das pessoas que contribuíram para a região, que tem uma paisagem

vinhateira e um conjunto de vinhos reconhecidos internacionalmente e que correspondem a um valor económico e de prestígio que afirma Portugal no mundo.

Concorda que seria mais vantajoso haver uma única marca de vinho do sector cooperativo em vez de 23? Esse é um dos problemas. Não reside exactamente no número de cooperativas, mas na falta de estratégia colectiva. A uniformização do vinho do Porto seria um erro catastrófico. Ele caracteriza-se pela diversidade da sua paleta, mas a afirmação de uma economia de escala em que as cooperativas se organizassem para fazer uma oferta mais elevada pode conduzir a uma estratégia que pode ir até à fusão.

A Casa do Douro pode também aproveitar a boleia do aniversário para resolver os seus problemas financeiros? Pode e deve. O futuro da região passa por essa resolução. Mas não creio que o problema seja apenas financeiro; é também de ordem associativa. É necessária uma participação maior dos viticultores que representam o sector.

Aceita fazer futurologia sobre o Douro? Aceito, enquanto cidadão. Espero que os durienses, as instituições, o poder local e central se unam para transformar os problemas em potencialidades. Não é importante para o Douro; é importante para o país. Desenvolvendo o interior está a criar-se uma coesão nacional. **Helena Teixeira da Silva**